

# O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondencia dirigida a Anselmo de Souza.

Sexta-feira 1 de julho de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes . . . . .	300 réis
Provincias, 6 mezes . . . . .	600
Numero avulso . . . . .	60
Anuncios preço convencional	

## SUMMARIO

Os premios dos concursos do centenario. — Breve noticia ácerca das sociedades de tiro em França, por F. G. — Journal Officiel du Tir Féderal, Neuchatel, 1898. — Memorias d'um ajudante de campo, por FERNANDES COSTA. — Um duro por anno, por ERNESTO VIANNA. — Tratado de caça, por JOAQUIM PIRES DOS SANTOS. — Club dos Caçadores do Porto, por B. DE SA. — Associação dos Caçadores Portuguezes. — O defezo. — Sebastião Heredia, por E. S. — José Maria Dionysio J. niór, por FERNANDO VIEGAS. — Cyclismo portuense, por PEDAL CARLO. — Yachting. — Campo Pequeno. — Praca de Almada, por EL SOBRESALIENTE. — José Marques Loureiro. — Egipto d'Almeida. — Correspondencia.

## GRAVURAS

Sebastião Heredia. — José Maria Dionysio Junior. — Corridas velocipedicas do Centenario, Final da corrida internacional, 1.ª serie da corrida nacional, 2.ª serie da corrida nacional.

## TIRO

### Os premios dos concursos do Centenario

Ainda até hoje não foram distribuidos os premios dos concursos de nautica, velocipedica e tiro, effectuados em maio findo.

E' tão estranha esta falta, que não sabemos a quem tornar responsavel por semelhante incorrecção.

Desejamos que no proximo numero não tenhamos de nos occupar detidamente do assumpto que tão mal veiu fechar a celebração do centenario da India.

### Breve noticia ácerca das sociedades de tiro em França

(Extrahida do *Guide des Societes de tir*, por E. Haeffeld)

As sociedades de tiro em França datam já desde 1359, em que foram creadas, sob a designação de sociedades de alabardeiros, e depois com a de archeiros, arcabuzeiros, carabineiros, etc, conforme as successivas transformações, porque foram passando as armas de guerra.

Em 1860 formou-se em Vincennes a primeira sociedade de tiro nacional franceza, cujo 1.º concurso, em 1864, durou 15 dias. Outras se succederam em breve tempo, sendo em 1868 transformadas nas *Companhias de franco-atiradores voluntarios* annexas á guarda nacional movel, e sujeitas á sua disciplina, sendo os officiaes nomeados pelo Imperador, e os quadros inferiores pela auctoridade militar. O tempo de serviço n'estas companhias era descontado no das fileiras, podendo completar-se n'aquellas o tempo exigido por lei, para o serviço na guarda nacional.

Em tempo de paz ficavam as mesmas companhias dispensadas dos exercicios e reuniões, que se effectuavam, para a guarda nacional; porém, em tempo de guerra ficavam sujeitas á auctoridade militar, sendo de preferença empregadas nas fesa das localidades, a que pertenciam.

Nas praças fortes organizaram-se em idênticas condições *baterias de voluntarios de artilheria*.

Em 1870 havia em França 48 sociedades de tiro, algumas das quaes, como a de Toul tomaram uma parte activa na defeza nacional.

Em 1876 organisou-se em Lille a 1.ª sociedade de tiro militar, para instrucção das reservas, e por tal modo se houve, que o ministerio da guerra, para logo convencido das suas vantagens, concedeu a estas sociedades um certo numero de espingardas, 18 cartuchos gratuitos por atirador, redução no preço das restantes munições, o uso dos campos de tiro e seu material sempre que as circunstancias o permitissem, direito aos premios e distinctivos concedidos ao exercito activo, e emfim premios especiaes e excepçoes aos atiradores, que obtivessem uma certa percentagem.

Para conseguir porém estas vantagens tornava-se preciso que as sessões de tiro tivessem sempre logar sob as ordens de um official do exercito territorial: que em cada sociedade houvesse um registo dos socios territoriaes e que os seus directores fornecessem á auctoridade militar um resumo do emprego das munições e dos resultados de tiro.

Resultou de taes concessões que desde

logo se multiplicaram rapidamente estas sociedades, decrescendo por outro lado extraordinariamente a importancia das quotas annuaes dos socios, á custa dos quaes se augmentou todavia o numero de munições gratuitamente concedidas a cada atirador.

Mais tarde novas vantagens foram augmentadas áquellas, concedendo-se aos socios militares o abatimento de 50 p. c. no preço do seu transporte em via ferrea, para as sessões de tiro, e a impressão gratuita e isempta de impostos e outras formalidades para os annuncios de convocação, etc.

Em 1885 foi elleuada ao numero de 30 a concessão gratuita de 18 cartuchos, tanto para espingarda, como para revolver, reduzindo para as restantes munições o seu custo por milhar de 100 a 60 francos, depois de deduzido o respectivo imposto, que os socios militares das sociedades territoriaes não pagam, e foi decidido que o excesso das verbas orçamentares destinadas a estas despezas fosse applicado á concessão gratuita de munições ás sociedades de tiro civil e mixtas, que pelo seu bom funcionamento merecessem recebê-las.

Em 1887 foi votado um credito de



Sebastião Heredia

Distincto sportsman e campeão portuguez, vencedor nas corridas velocipedicas do Centenario da India

50:000 francos para as sociedades de tiro civis.

Os premios e subsidios ás sociedades civis, que a principio foram concedidos pelo ministerio da instrucção publica e da guerra passaram em 1888 só para aquelle ministerio, e em 1889 para o do interior.

Em 1890 foi reduzido a 40:000 francos o credito d'este ultimo ministerio, passando o excedente para o da guerra, a fim de subsidiar os elementos civis das sociedades de tiro mixtas; o preço das munições foi ainda notavelmente reduzido; a dotação em espingardas e revolveres foi augmentada em numero e qualidade, destinando-se algumas carabinas de artilheria aos mancebos de menor idade, para os quaes se tornava excessivamente fatigante o manejo da espingarda; o deposito prestado pelas sociedades civis, para garantia de conservação das espingardas que lhes eram fornecidas foi tambem reduzido; e emfim pela instrucção ministerial de 29 d'abril de 1892, sobre a organização e funcionamento das sociedades de tiro e de gymnastica foram reunidas em um só diploma todas as disposições relativas a estas sociedades, simplificadas as diversas formalidades que lhes eram impostas, e reduzido de 60 a 25 francos o custo por milhar de cartuchos m 79/83.

Simultaneamente foram organisadas as primeiras sociedades de tiro, expressamente destinadas ao tiro de artilheria, tendo estas por emquanto um mediocre desenvolvimento, visto que a sua constituição e funcionamento se tornam mais difficeis e dispendiosos.

Em 1890 foi creada a 1.<sup>a</sup> d'estas sociedades em Poitiers, adoptando para os seus exercicios o systema de tiro reduzido do tenente coronel Rodolpho.

Em 1891 foi creada uma secção de tiro de artilheria na sociedade territorial de Lyon, e em 1892 uma nova sociedade se organisou em Paris, a qual executava em Vincennes os seus exercicios, para instrucção individual e collectiva dos officiaes e praças de reserva, no tiro simulado e reduzido de artilheria, sendo provavel que outras mais se tenham constituído posteriormente.

As sociedades de tiro de espingarda são de 3 especies:

1.<sup>a</sup> *Sociedades territoriaes*, subsidiadas pelo ministerio da guerra, atirando com as armas de guerra adoptadas pelo exercito, em tiro normal e reduzido. Estas sociedades são compostas exclusivamente dos officiaes e praças pertencentes ao exercito territorial e sua reserva.

As quotas annuaes pagas pelos socios são insignificantes, em razão das muitas vantagens que lhe são concedidas.

2.<sup>a</sup> *Sociedades mixtas* subsidiadas pelos ministerios da guerra e do reino, atirando com todas as armas em tiro normal e reduzido. São compostas dos officiaes e praças de do exercito territorial, com as vantagens concedidas ás sociedades territoriaes; de todos os individuos militares ou com graduacão militar com as vantagens d'aquelles; e dos individuos da classe civil, com direito ás vantagens concedidas ás sociedades civis.

As quotas annuaes são maiores do que nas sociedades territoriaes, para poderem, satisfazer ás suas maiores despesas de installação e conservação.

3.<sup>a</sup> *Sociedades civis* subsidiadas pelo ministerio do reino, atirando tambem com todas as armas em tiro normal e reduzido.

Estas sociedades são geralmente sujeitas a impostos e tem menores garantias; por isso as suas quotas são geralmente ele-

vadas, não podendo ainda assim ordinariamente satisfazer ás necessarias despesas de installação, sem contrahirem um emprestimo.

Em maio de 1891 existiam em França 423 sociedades de tiro militares, sendo 103 territoriaes e 320 mixtas, com cerca de 100:000 socios.

Além d'estas havia 607 sociedades de tiro exclusivamente civis, executando o tiro normal e reduzido.

Sob a protecção de algumas importantes collectividades, taes como: a *Liga dos patriotas a União nacional das sociedades de tiro francezas* e varias outras sociedades; bem como sob a protecção das mais importantes individualidades, taes como: o Presidente da Republica, o ministro da guerra, o general Saüssier, e outros tem-se organizado diferentes concursos nacionaes e internacionaes, fazendo parte de quasi todos elles o tiro com a espingarda de guerra m/74, m/74-85, m/86, m/ Kropatschek, a 300<sup>m</sup> e a 200<sup>m</sup>, o tiro reduzido com as mesmas espingardas a 30<sup>m</sup>; o tiro com outras armas de precisão a 200<sup>m</sup>; o tiro com a espingarda escolar a 30<sup>m</sup>; com a de caça (ball-trap) a 20<sup>m</sup>; com a carabina Flobert a 20<sup>m</sup>; com os revolveres da ordenança e outros de precisão a 30<sup>m</sup>; e finalmente, nos ultimos concursos, tem havido conjunctamente o tiro com as peças de campanha regulamentares, munidas do tubo de tiro reduzido.

Segue um modelo dos estatutos das sociedades mixtas mais adaptavel á projectada fusão das nossas sociedades de tiro.

F. G.

#### Journal Officiel du Tir Fédéral, Neuchatel 1898

RECEBEMOS o 1.<sup>o</sup> numero d'esta interessante publicação, sahida no dia 15 do mez findo.

E' primoroso tanto na redacção, como nas illustrações. Traz artigos firmados pelos senhores: *Contesse* presidente do comitê de organização do tiro federal; *R. Geilinger*; *David Perret*; *Ferd. Porchat*; etc.

E' escripto em francez trazendo um artigo em allemão e outro em italiano.

Gravuras: Castello de Neuchatel; Cantine do tiro federal de 1898. Vista do campo de tiro federal de 1863. Taças, medalhas e relógios dos premios de 1898. Medalhas do quinquagenario, 1848, 1898.

Chamamos para esta publicação a attenção dos nossos atiradores por isso que n'ella muito temos todos que aprender.

Assigna-se nos srs. Attinger, irmãos, livreiros editores em Neuchatel.

## Secção litteraria

Fernandes Costa

### Memorias d'um ajudante de campo

*Chronica pittoresca da terceira invasão franceza*

CONTA-SE, n'este livro, o modo como Portugal soffreu os horrores d'uma invasão estrangeira e luctou indomavelmente para repellir do solo patrio aquelles que procuravam submettel-o ao seu dominio. Mostra-se, n'estas paginas, a grande energia vital d'um povo, que ao fim de sete seculos de historia, quasi incomparavel pela grandeza da sua missão e dos seus

destinos, assegurou ainda gloriosamente, n'uma campanha tenaz contra as mais aguerridas legiões dos modernos tempos, os seus direitos de nação independente e livre.

Há, n'esta singela e desaffectada narração historica, muita lição que pôde ser util aos homens de hoje, muito exemplo confortavel, e digno de estar presente em todos os espiritos.

Aqui se poderá aprender, talvez, que só morrem as nações que, pelos seus erros, e pela descrença em si proprias, se suicidam. As que em si confiam, e querem viver no espaço e no tempo, se tem momentos de lethargo, em chegando para ellas o dia do despertar, renascem e revivem.

A' nossa patria desejamos, porém, que nunca tenha de acordar para a consciencia da sua força e do seu valor, á custa de provações e soffrimentos tamanhos, como aquelles que, no presente livro, são referidos.

Maio, 1895.

FERNANDES COSTA.

#### CAPITULO I

#### De Paris a Valladolid

O general barão de Marbot, nascido em agosto de 1782, no castello de Larivière, velho solar provinciano assente nas margens do Dordogne, no actual departamento do Corrèze, e fallecido em Paris, em novembro de 1854, com setenta e dois annos completos de idade, escreveu, para seus filhos, as recordações da sua vida, deixando-lhes em manuscripto esse precioso legado.

Durante trinta e sete annos foram conservadas no archivo de familia estas memorias pessoas, até que, em 1891, obedecendo a sollicitações instantes, os herdeiros do general se resolveram a dar-lhes publicidade.

Effectivamente, dos prèlos do editor Plon, sahiram n'esse anno tres magnificos volumes, com o titulo geral: *Memorias do general barão de Marbot*, e com os sub-titulos especieis, para cada volume: *I Genova-Austerlitz—Eylau*; *II Madrid—Essling—Torres Vedras*; *III Polotsk—O Beyesina—Leipzig—Waterloo*.

O segundo volume é muito interessante para nós, por se occupar da terceira invasão franceza em Portugal, e por ser toda essa campanha historiada, por assim dizer, de dentro dos bastidores, por uma testemunha presencial e sufficientemente imparcial dos factos.

No *Testamento de Napoleão* foi recomendado ao então coronel Marbot, que «continuasse a escrever para defeza da gloria dos exercitos francezes», mostrando-se por esta fórma o conceito elevado que o grande imperador formava do distincto homem de guerra e do não menos distincto escriptor militar.

O recente aparecimento das *Memorias* justificou plenamente essa boa opinião e bem assim o fundamento d'aquella recommendação testamentaria, tal foi o applauso com que as recebeu a opinião publica franceza, e o modo como tem sido festejadas, tanto na imprensa militar como no jornalismo litterario d'aquella nação.

Com effecto, o barão de Marbot encontrou-se em circumstancias excepcionaes para vêr de perto os homens eminentes d'um longo e interessante periodo historico, e para conhecer, em muitas conjuncturas, o movel verdadeiro das suas acções. Observador judicioso e fino, militar valente e corajoso, inspirando confiança aos seus chefes e aos seus subordinados, jogando a vida innumeradas vezes no campo da batalha e no desempenho de mil commissões arriscadas, tendo servido no estado-maior de cinco dos mais celebres marcehaes do imperio, Bernadotte, Augereau, Murat, Lannes e Masséna, e tratado mui-

tas vezes de perto com o imperador Napoleão, foi-lhe dado poder salvar a sua posição e a sua fortuna pessoal depois da queda d'este, vindo mais tarde a servir Luiz Philippe, principalmente como ajudante de campo, durante doze annos, do duque d'Orleans, e, por fim, do conde de Paris, ao serviço de quem estava, em março de 1844, quando se decidiu a escrever definitivamente as suas *Memorias*.

Em 1801, durante a desastrosa campanha que sustentámos contra as armas hespanholas, um exercito francez de quinze mil homens, sob o commando do general Leclerc, marido de Paulina Bonaparte, formava a ala direita do grande exercito hespanhol, commandado em pessoa pelo principe da Páz. D'elle fazia parte o regimento 25 de caçadores a cavallo, onde Marbot, apenas com dezoito annos de idade, servia n'um posto subalterno. Chegou por essa occasião a vêr o nosso paiz, tendo avançado até Vizeu. Mas, celebrada a paz entre as duas nações da peninsula, com todos os pormenores que não veem para aqui e dos quaes datou a inimidade perpetua entre Bonaparte e seu irmão Luciano, então embaixador da França em Madrid, as tropas francezas conservaram-se ociosas em Portugal durante alguns mezes ainda, até que, no começo de 1802, evacuaram o nosso territorio, atravessaram a Hespanha, e recolheram aos seus lares, quasi sem terem desembañhadas as espadas, nem queimado um cartucho, depois de terem d'ali sahido.

O alferes Marbot confessa as boas recordações que levou das cidades hespanholas onde esteve de guarnição algum tempo; da nossa terra, porém nada diz. Em Salamanca, Zamora e Toro, o que mais o entusiasmou... foi o *fundango*. Não admira; aos dezoito annos...

Quando, pouco depois, o primeiro consul, descontente com a côrte de Lisboa, ordenou a formação, em Bayona; de um corpo de exercito destinado a entrar em Portugal, sob o commando do general em chefe Augereau, Marbot foi nomeado ajudante de campo d'este general. Conta elle como o inverno foi aproveitado n'aquella cidade, em exercicios de guerra continuados, afim das tropas se habilitarem a combater-nos. A diplomacia, porém, encaminhou as questões de modo a não ser preciso recorrer-se ás armas, e Augereau, em vez de transpôr os Pyreneus, foi mandado commandar o corpo de exercito que estava preparado para effectuar um desembarque na Irlanda, o que se não realisou tambem.

Se da primeira vez Marbot teve pouco que fazer em Portugal, d'esta nem cá chegou a vir. Comtudo, parece que o seu destino militar o attrahia para aqui.

No primeiro volume da sua obra, Marbot conta as campanhas da França contra a Russia, a Austria e a Prussia, as batalhas de Austerlitz, Iena, Eylau e Friedland, tudo salpicado de interessantes pormenores anecdoticos e de narrativas pessoas, d'onde resaltam, com aprazimento do leitor, os lados frageis e humanos dos grandes homens, dos grandes heroes que vincularam os seus nomes áquellas grandes acções. Encerra, porém, esse volume com as palavras seguintes:

«Com razão se disse que nunca o imperador foi tão grande, tão poderoso, como em 1807,

quando, depois de ter vencido os austriacos, os prussianos e os russos, acabava de concluir uma paz tão gloriosa para a França e para elle proprio.

Mas apenas Napoleão havia terminado a guerra com as potencias do norte, logo o seu genio mau o levou a emprehender uma, bem mais terrivel, ao sul da Europa, na peninsula».

Effectivamente, aqui principiou a empalidecer a estrella que dentro de poucos annos tinha de apagar-se de todo nos campos de Waterloo.

Em 1810, Marbot era chefe de esquadra (major) <sup>1</sup> e ajudante de campo do marechal de França, Masséna, duque de Rivoli e principe de Essling. Este fôra nomeado generalissimo de um exercito formidavel, que Napoleão tencionava dirigir na primavera d'esse anno sobre Lisboa. O inverno passou-se em festas brilhantes e sumptuosas. Paris inteiro nadava em jubilos e nos mais luxuosos prazeres. Preparava-se para os grandes regosijos publicos do proximo enlace do imperador com a archiduqueza Maria Luiza.

Em abril, porém, já as tropas francezas destinadas á invasão do nosso paiz estavam reunidas ao sudeste dos Pyreneus, nas provincias septentrionaes da Hespanha, e era tempo do marechal vir tomar o seu commando. Marbot era dos ajudantes de campo de Masséna o unico que conhecia a peninsula, onde estivera, não só quando já dissémos, mas tambem em 1808 e 1809, no estado-maior do marechal Lannes, tendo até por signal ficado gravemente ferido no cerco de Saragoça. Em virtude d'aquella circumstancia foi nomeado para anticipar a sua marcha e vir estabelecer em Valladolid o quartel-general do commandante em chefe.

Sahiu, para esse effeito, de Paris, a 15 de abril, com má vontade e tristes presentimentos, que os successos futuros confirmaram. Esta campanha ia ser desastrosissima para o exercito invasor, para a gloria das armas francezas e para os destinos de Napoleão.

Não tomaremos parte com Marbot nos episodios mais ou menos arriscados da sua marcha, e nas aventuras que lhe succederam no caminho. Os francezes eram detestados em Hespanha, onde pretendiam dominar, e, nas provincias do norte, levantavam-se contra elles, a todo o passo, embuscadas de quadrilheiros e guerrilhas. Imagine-se o que seria, para um official inimigo, atravessar, a cavallo, com uma pequena escolta, cem leguas de estradas e maus caminhos em semelhante paiz!

Contaremos, apenas, dois ou tres incidentes mais pittorescos e caracteristicos, pelos quaes se fará uma tal ou qual idéa do espirito supersticioso dos homens, do caracter das populações hispanicas do norte, e do duro viver d'aquelle agitado periodo.

No momento em que Marbot deixava o territorio francez para entrar em Hespanha, tendo de atravessar o Bidassoa, succedeu-lhe uma pequena aventura comica, que o impressionou mal, e que elle ficou tendo como mau persagio.

lla elle a cavallo, acompanhado de um criado, e precedido do postilhão, a cavallo tambem. No meio da ponte estava atravessado um burro preto, de pello hirsuto e mal tratado, orelhas apontadas para os viajantes que se approximavam, e fochinho

<sup>1</sup> «Major», segundo a designação actual da graduação correspondente. Então, no exercito francez, o posto de «major» e esta designação correspondiam ao actual tenente-coronel. O «major» era o official immediato ao coronel-commandante do regimento.

de poucos amigos, parecendo dizer aos que vinham: Aqui não passa ninguém!

O postilhão, que avancava na frente, a poucos passos, applicou-lhe uma boa chicotada, persuadido que esse era o modo de o fazer desimpedir o transitio; o burro, porém, não o entendeu assim, atirou-se furioso ao cavallo, mordendo-o que nem um lobo, e ao mesmo tempo applicando fortes parelhas de couces ás montadas dos que tinham avançado para acudir.

Quanto mais levava, mais escouceava e mordida, sem largar a preza, e não se fazia já idéa de como tão ridiculo combate teria de acabar, quando, por felicidade de Marbot, appareceram ali uns guardas da alfandega, munidos de paus ferrados, que conseguiram afugentar o bicho.

Marbot tomou o caso como de mau agouro, não tanto para as armas francezas, como para os seus interesses propios, e é curioso vêr como os homens, mesmo sem querer, revelam o seu egoismo nos menores factos e até nas phrases mais insignificantes que, a proposito d'aquelles, escrevem ou pronunciam.

A campanha dos francezes foi para elles desastrosa e infelicissima; Marbot, porém, no encontro do burro preto, só vê, depois de tudo passado, o mau agouro que os seus negocios tiveram ali; pois diz:

«Os factos justificaram as minhas desagradaveis impressões, porque as duas campanhas que fiz na peninsula, em 1810 e 1811, foram «para mim» muito desagradaveis; recebi n'ellas dois ferimentos, «sem obter a menor recompensa», nem quasi testemunho algum da benevolencia de Masséna.

No decurso da sua narrativa allude mais d'uma vez a este encontro do burro teimoso e patriota, que na sua obstinada aggressão, como que teve o presentimento de serem aquelles os inimigos do seu paiz.

De ha muito nutrimos o desejo de, n'esta secção, darmos aos nossos leitores alguns factos interessantissimos, pequenos incidentes e narrativas, verdadeiras perolas de sabor litterario e historico, extrahidas aqui e além d'estes formosos livros do nosso erudito e estimado amigo o sr. major de artilheria Fernandes Costa.

Que o nosso respeitavel amigo nos releve a profação que praticamos, mas que a leve á conta da nossa grande admiração pelo seu brilhante talento.

Não nos podemos furtar á transcripção do prefacio porque, nas palavras autorisadas do auctor, ha muito que aprender, sobre tudo nos difficeis tempos que atravessamos.

## UM DURO POR ANNO!

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL)

I

Monte acima, a passos lentos,  
Em tarde estiva, de calma,  
Eu fui por curtos momentos  
Dar refrigerio á minha alma.  
Em breve ao cimo cheguei;  
Ia alegre e não cansado;  
Então alli encontrei  
Néio rebanho, anafado;  
Umás ovelhas comiam  
Tantos rebentos dos galhos,  
Outras, blando, seguiam  
O triste som dos chocalhos.  
A luz do sol no horizonte,  
D'esse sol que aquece os ninhos,  
Eu vi-as, deixando o monte,  
Tomar por invios caminhos.  
Traz ellas, com lentos passos,  
Seguia alegre o zagal  
Cantando e comendo, a espaços,  
Pão negro do seu bomal.  
Ao humilde pastorinho,  
Inda moço, um rapazello,  
Eu perguntei com carinho:  
(Palestra propria de velho)  
— Então, tu es o pastor?  
— Sim, senhor, com mil respetos.  
— E tens paes?  
— Eu, não, senhor.  
— Anos quantos? — Treze feitos.  
— E quanto vens a ganhar?  
— Um duro.  
— Um duro por dia?

— O senhor 'stá a brincar...  
— E por mez essa quantia?!  
— Por mez bom era, senhor!  
— Mas qual então meu engano?...  
— Eu ganho, como pastor,  
Sómente um duro por anno.  
.....  
.....

## II

E lá foi seguindo o gado...  
Então allí me sentei.  
F de mim mesmo vexado  
Nas mãos o rosto occultei.  
.....  
.....  
Vi deslizar na memoria  
Templos, palácios e reis;  
Os falsos brilhos da gloria,  
Discursos òcos e leis;  
As riquezas do argentario,  
As festas do gran senhor;  
Os thesoros do uzurario  
E os crimes do mafictor;  
Vi fortunas mal herdadas,  
Outras no jogo pedidas;  
De joias mil enfeitadas,  
Mundanas ennobrecidas.  
Não ha, quicá, quem extranhe  
Do luxo o gosso profano!  
E, todavia, ha quem ganhe  
Sómente um duro por anno!...

## III

Um duro! — E é, pois, verdade?!  
Oh! quantas vezes dissipei!  
Um duro em futilidade,  
Que possui e deixei!...  
Em velleidades insanas,  
Em caprichos, em favores;  
Em mil vaidades humanas,  
Em lutas, carros e flores;  
N'um instante de prazer,  
N'um livro mau, que nem li;  
Em apostar, em beber,  
Em fumo, — o que appeteci.  
E esse duro que se oviada,  
E sem reparo se gasta,  
Um anno vale da vida  
Do zagal que alem se afasta...  
Nós somos, pois, os peores,  
Nós outros, entes humanos:  
Uns, são falsos sonhadores,  
Outros, falsos puritanos.  
Quer atheus sejam, quer crentes,  
Todos no mal são eguaes,  
Resolvendo diligentes  
Grandes questões sociaes.  
E ha ser's, porém, n'essa idade,  
Ha ser's que vivem no engano  
E a quem paga a humanidade  
Sómente um duro por anno!...

## IV

Que importa? É frio o janeiro?  
A noite medonha é?  
— O meu equal, por dinheiro,  
Leva-me a casa em coupe.  
Que importa se a mina obscura  
Alguem arranca o carvão,  
Provando tanta amargura?...  
— Preciso-o ter no fogão.  
Que importa?! — Luzes, calor,  
Todo o prazer que consola!...  
E ao pobre importunador  
Lembron-lhe pedir esmola...  
Por leis que decreta a moda,  
E' mui frequente o gastar  
Mil duros so n'uma boda,  
E mil p' r' o rico enterrar.  
Té o sol differente e  
Mandando no homem seus raios:  
Ha creanças de libré,  
Que me servem de laçaos.  
E ha lei que torna em escravas  
As creaturas humanas!...  
Palavras! loucas palavras!  
Luctas terriveis, insanas! —  
A vida é alto escarar.  
Que contra a dor vae partir!...  
Se Christo subiu ao ceu,  
De lá, por certo, ha-de vir;  
Seu reino fara o espanto,  
Tanto as leis serão differentes!  
Ha-de-se ouvir, no entretanto,  
Na sombra, o ringir dos dentes!  
Ver mãos crispadas p' r' o ar!  
E, n' esse novo diluvio,  
Tudo, enfim, ha de acabar.  
Mas, mais alto que o Vesuvio,  
Haveis de ver, impassivel,  
Esse moço, esse pastor,  
Então armado, terrivel,  
Em anjo exterminador,  
Entre torrentes de lava,  
Gritar de lá muito ufano:  
— Sabéis?... Sou eu quem ganhava  
Sómente um duro por anno!s

## V

Assim commigo dizia  
Triste, seitado no monte:  
No entanto, o sol se escondia  
No enrubescido horizonte.  
Cahi a sombra n'um instante  
Pelo casal, a meus pes,  
E na cidade distante  
Fumavam as chaminées.  
Erguidas viam-se as cruces  
De vetustas cathedraes,  
E o fulgorar de mil luzes  
N'essas festas mundanaes.  
Alli vivem reunidos,  
Assim, os nossos irmãos;  
Alli rezam compungidos  
Os que se dizem christãos,  
Entre o bulicio immanente  
D'essas modernas cidades.  
— Louco resumo, impudente,  
Das mais estultas vaidades...  
.....  
.....  
E, cantando, ainda escutava,  
Feliz no seu doce engano,  
O zagal que só ganhava  
Um triste duro por anno!

ERNESTO VIANNA.

## CAÇA

## Tratando de caça

Ao sr. Baptista de Sá

LIDA com a maior attenção a sua apreciadissima carta, cuja publicação concluiu no n.º 140 do *Tiro Civil*, não posso furtar-me a fazer mais algumas considerações a respeito da nossa tão justa e tão desprotegida causa.

Diz o meu amigo que tem soffrido muitos desenganos occasionados pelo nosso ideal — a defeza das leis sobre caça —; pois eu, que só agora, por ser inexperiente e novo n'estas questões, sahi á escacada, experimento uma desillusão em forma! Só o meu amigo, completamente desilludido e perfeitamente conhecedor da materia se dignou acudir ao meu apello! Não desanimemos, comtudo, e continuemos como luctadores audazes pugnando por uma causa que tanto interessa em geral a todo o paiz e em especial á classe venatoria.



José Maria Dionysio Junior

Distinto velocipedista, um dos vencedores das corridas do Centenario da India

Já que o nosso apello não encontrou echo onde o devia encontrar, e talvez por falta de valor, pois só o amigo tratou do assumpto desenvolvida e competentemente construímos outras trincheiras e dirigimos não os nossos tiros, mas as nossas vistas para outras partes.

Quando apresentei o meu — *alvitre* — no n.º 135 do *Tiro Civil* fil-o na certeza de que com o nosso proprio esforço colheriamos resultados mais proficuos, do que entregando-nos nos braços dormientes das auctoridades administrativas, que, infelizmente, quasi sempre nos faltam com o auxilio, que nos podia ser tão valioso.

Em vista pois do insuccesso que obtive d'esta vez não me quebrantar, irei resolutamente, embora sem nada conseguir, como já estou prevendo, até onde posso chegar. O soldado está sujeito a succumbir no calor da refrega. Se a mim me acontecer outro tanto, paciencia.

As partes para onde entendo que devemos dirigir as nossas vistas são as camaras municipaes. Como são estas corporações que regulamentam sobre epochas de caçar, assim como sobre todos os ramos de serviço municipal, devem portanto, todas

ter empregados proprios para applicar a sua lei especial aos seus transgressores, pois que, a não terem taes empregados, desnecessario seria a organização do codigo de posturas. Não se comprehende effeito sem causa; como não é preciso uma lei que se não ponha em pratica. Entendo pois, e n'este ponto espero que o meu amigo Baptista concorde comigo, que devemos levar o nosso tão justo pedido a todas as camaras municipaes, e a todos, que nos lerem aqui o deixamos endereçado, a fim de que todos, a exemplo da de Portalegre, façam cumprir rigorosamente as suas disposições sobre caça.

Estou convencidissimo que só por empregados ou dos caçadores ou municipaes ou pela guarda fiscal se poderá conseguir alguma cousa.

O que poderão fazer os escrivães de fazenda? Levantam-se ordinariamente tarde, vão para a sua repartição, sahem d'alli para jantar e depois vão dar o seu passeio, e... disse. Os seus empregados só tratam da policia das vendas e... nada mais.

Os poderes publicos (governo) tambem não olham com attenção para estas ninharias, porque em fim sempre é questão de ninhos.

Os empregados do caminho de ferro poderiam prestar relevantissimos serviços, mas só imprimindo-lhes o character aucto-ritario.

E assim mesmo... Imagine que na estação do Crato, ao que me dizem, compra-se caça todo o anno! As perdizes começam por ser compradas desde 20 rs! e á medida que ellas vão crescendo as vão pagando mais caras! Logo que ellas sejam como rolas começam a desvalorizar! Um vandalismo! Isto acontece por haver quem a compre,

Comtudo aqui o que mais dizima a caça são os laços e ratoeiras, quando se abre a compra de caça, para Lisboa, Espinho, etc.

— Este anno, se a illustre Associação dos Caçadores Portuguezes estiver animada dos bons desejos que sempre tem mostrado, punindo os delinquentes, pode prestar-nos serviços de tal ordem que por forma alguma deixaremos no olvido. Para serem, porém os seus esforços mais proveitosos, deverão começar as suas visitas aos revendedores de caça, logo nos principios de outubro e proseguir com ellas até março.

— Usam aqui os taes vandalos das armadilhas, uns laços de arame mui delgado com que apanham os coelhos pelo pescoço. Entretanto não deixarão de ser conhecidos os taes coelhos pois morrem no laço, e, como o amigo sabe, a caça em que se metta chumbo depois de morta, distingue-se da que foi livremente morta á espingarda!

— Diga-me: não deverá ser apprehendida toda a caça, entre a qual se encontra qualquer numero de peças illegamente mortas? Aqui já se fez isto.

Não é apprehendida ao contrabandista a cavalgadura que lhe conduz o contrabando, sem comtudo a cavalgadura ser contrabando? Se o contrabandista está fóra da lei, fora da lei está o caçador de armadilhas.

Como já o tenho massado bastante e tenha tomado largo espaço ao *Tiro*, espaço que talvez faça falta para outros assumptos, vou terminar.

— Tenho noticias de grandes ninhadas de perdigotos. Se não derem cabo da criação, deve ser este anno mais, mas muito

mais abundante de caça do que os dois passados.

Constarei a diligencia por lhe conservar algumas perdizes para quando cá venha, se outros não as matarem, pois por aqui, especialmente á caça de pello, caça-se doidamente.

Com respeito aos magnificos melões não me esquecerei d'elles, porque essa falta não m'a desculpariam o ratão do nosso bom Elyσιο e o nosso amigo Luiz Ignacio.

Receba pois um estreito amplexo do seu confrade e

am.º certo.

JOAQUIM PIRES DOS SANTOS.

Chança 25-6-98.

### Club dos Caçadores do Porto

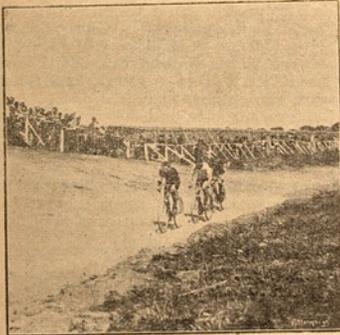
Lá está, no mesmo sitio onde foi sepultado o outro, n'esse local esplendido da nossa Escola de Tiro d'onde se gosa um dos mais bellos panoramas e se respira um ar purissimo, o novo caramanchão colmado, mais vasto, mais elegante, mais commodo e mais valente do que o seu antecessor.

Tomou a iniciativa da sua construcção o sr. dr. Jayme Ribeiro, presidente da direcção do Club, que não descansou enquanto o não viu inaugurado festivamente.

Depois dos torneos ordinarios de tiro a chumbo e á bala do dia 26, saboreou-se, no pittoresco caramanchão, um magnifico jantar a que d'antemão se chamou *modesto lunch*, discursando-se, á sobremesa, sobre caça e tiro ao alvo e fazendo-se saudações á imprensa, a varios socios do Club e especialmente áquelles que contribuíram pecuniariamente para a edificação do rustico caramanchel, que Deus conserve por muitos annos para regalia dos socios frequentadores da Escola.

A direcção espera que o Club não dependa cinco réis com a edificação do mesmo, que importará, depois de completamente acabado, n'uns duzentos mil réis.

As quantias subscriptas excedem já a cem mil réis, havendo a notar que a subscrição, por enquanto unicamente a cargo do sr. dr. Jayme Ribeiro, só a apresentou elle a 27 associados.

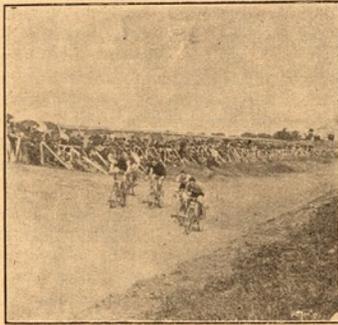


Corridas velocipedicas do Centenario  
1.ª serie da Corrida Nacional. Segundo um instantaneo de F. Viegas

Os torneos estão sendo frequentados por um punhado de socios novos, que não se ageitam nada mal, e por outros que não são novos, nem são velhos, n'estes exercicios, que vão dando que fazer aos decanos. Eu, por mim, vou já confessando que tenho de pedir a reforma, para lhes ceder o meu lugar, se elles continuarem, como espero que continuem, a egualar e a exceder em pericia venatoria os mestres de antigos tempos.

No torneo de tiro a chumbo realizado em 19, tomaram parte 23 atiradores, desistindo dois. Cada um dos que o concluíram alvejou 2 pombos, 2 pardaes, 6 espheras de vidro e 2 balões de borracha, com o seguinte resultado:

Baptista de Sá, 12 tiros bons; Dr. J. Ribeiro, 12; Miguel Mattos, 11; Dr. Pedro Ferreira, 11; Dr. Aurelio Seara, 10; Daniel de Campos, 10; Eugenio Ribeiro, 10; Almeida Barros, 9; Arthur Cruz, 9; Manoel Monteiro, 9; Santos Pinto, 9; João Monteiro, 8; Luiz Mexia, 8; Heitor Antunes, 7; João Garcia, 5; J. Monteiro, 5; Bandeira Junior, 4; C. Lima, 4; J. Moraes, 3; S. Mattos, 3; C. B., 1.



Corridas velocipedicas do Centenario  
Final da Corrida Internacional. Segundo um instantaneo de F. Viegas

Nos que se effectuaram no dia 26 entraram 40 atiradores, 26 no de tiro a chumbo e 14 no de tiro á bala. N'aquelle alvejou cada um 2 pombos, 3 passaros, 2 vidros, 3 espheras e 2 balões, acertando os seguintes tiros:

Daniel de Campos, 12; Santos Pinto, 12; Baptista de Sá, 11; Carlos Albuquerque, 11; Eugenio Ribeiro, 11, Albino Guimarães, 10; Dr. Aurelio Seara, 10; Luiz Ferreira, 10, J. Bandeira Junior, 9; Miguel Mattos, 9; Paiva Freixo, 9; Dr. Pedro Ferreira, 9; Antonie Santos, 8; Arthur Cruz, 8; Heitor Antunes, 8; Dr. J. Ribeiro, 8; A. Corrêa, 7; Cabral Borges, 7; João Magalhães, 7; Sousa Mattos, 6; A. Barros, 5; F. Cepêda, 5; J. Moraes, 4; M. Freitas, 3; L. Mexia, 2; J. Monteiro, em 7, 5.

A direcção offerceu para este torneo um premio — 100 cartuchos com polvora Schultz —, que foi ganho pelo sr. Santos Pinto; o sr. João Bento Teixeira offeriou para 2.º premio uma garrafa de champagne, ganhando-a o sr. Daniel de Campos; para 3.º premio offerceu um anonymo um paliteiro allusivo á caça, que foi ganho por Baptista de Sá; outro anonymo offeriou uma surpresa, para 4.º premio, que foi adjudicada a Carlos Albuquerque; foi offercido um 5.º premio pelo sr. Antonio Santos — 6 pares de coturnos de fio d'Escocia —, que foram entregues ao sr. Eugenio Ribeiro; mais foi offercido um 6.º premio pelo sr. Albino Guimarães — 100 cartuchos inglezes —, ganhando-os o sr. Luiz Ferreira; egual premio, offercido pelo sr. dr. Aurelio Seara com a formal condição de ser entregue ao que ficasse classificado em 7.º lugar, coube ao sr. Albino Guimarães que, posto tivesse ficado em 3.º lugar, como se vê da nota supra, passou a tomar o n.º 7 entre os premiados, que, nos desempates, iam recebendo nova classificação.

Para o ultimo classificado, que precisava de ter, todavia, um até dois tiros bons, offerceu uma garrafa de fino champagne o sr. João Magalhães, que o sr. Luiz Mexia conseguiu ganhar, propositadamente, por isso que fez por errar todos os tiros.

excepto os dois que lhe davam direito a este extravagante premio.

Para o torneo de tiro á clavina, que em seguida a este se effectuou, offerceu tambem a direcção um premio — um alfinete de gravata —; o sr. Antonio Santos, para 2.º premio, deu 6 pares de coturnos de fio d'Escocia, e Baptista de Sá, para 3.º premio, uma carteira para licenças de caça encerrando uma «Agenda do Sportsman».

O 1.º premio foi conferido ao sr. Alberto Andersen, o 2.º a Baptista de Sá e o 3.º ao sr. Eduardo Lyon.

Vão, a seguir, os pontos que cada atirador fez com 10 tiros, a 120 metros, em alvo circular dividido em zonas de 1 a 10 valores:

Alberto Andersen, 75 pontos; Baptista de Sá, 64; Eduardo Lyon, 57; Santos Pinto, 48; Jorge Moraes, 40; Albano Mattos, 34; Antonio Santos, 33; Gabriel Santos, 32; F. Cepêda, 31; A. Barros, 24; M. Freitas, 23; Dr. A. Seara, 17; H. Antunes, 10; Bandeira Junior, 9.

Os pombos que morreram no torneo de tiro a chumbo, em numero de 42, foram offercidos pelos atiradores ao Asylo de S. João e Irmãsinhas dos Pobres.

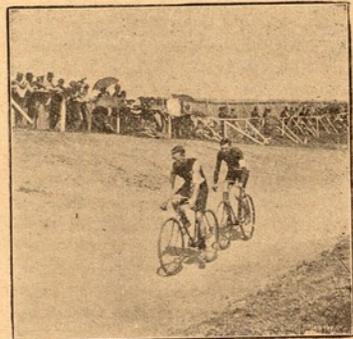
\* \* \*

Este Club pediu de novo aos srs. administradores dos concelhos que circumscrevem o districto do Porto, e a alguns de outros districtos, que façam com que sejam cumpridos os regulamentos sobre caça; e annunciou que gratifica com 1\$000, 1\$500 ou 2\$000 réis, consoante a importancia da apprehensão, todo o individuo que apprehenda caça viva ou morta ou quaesquer armadilhas empregadas na destruição da mesma.

Aos srs. commandantes dos batalhões da guarda fiscal no Porto e Vizeu enviou o seguinte officio:

Ill.º e Ex.º Sr.

Encarrega-me o sr. presidente da direcção do Club dos Caçadores do Porto de comunicar a V. Ex.ª que este Club gratificará com a quantia de 1\$000, 1\$500 ou 2\$000 réis, conforme o valor da apprehensão, qualquer praça da Guarda Fiscal que, durante o *defeso*, que se prolonga até 31 d'agosto futuro, apprehenda caça viva ou



Corridas velocipedicas do Centenario  
2.ª serie da Corrida Nacional. Segundo um instantaneo de F. Viegas

morta, ou, em todo o tempo, quaesquer armadilhas empregadas na destruição de caça.

A direcção do Club dos Caçadores do Porto, contando com o valioso auxilio de V. Ex.ª para o bom cumprimento dos regulamentos venatorios, pede a V. Ex.ª se digne transmittir aos srs. officiaes superiores e inferiores seus subordinados esta nossa resolução, a fim de que estes, por sua vez, a façam sciente aos soldados.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Porto, Club dos Caçadores, 20 de junho de 1898.

(a) Antonio Baptista de Sá, secretario.

Do sr. commandante do batalhão n.º 3, d'aqui, recebeu-se a resposta seguinte:

Ill.º e Ex.º Sr.

Não podendo as praças da Guarda Fiscal receber gratificações de quem quer que seja, sob pretexto de serviços prestados, sem que para isso estejam superiormente auctorisadas, o que faria ficar de nenhum effeito a resolução tomada pela direcção d'esse Club, e communicada a este batalhão no officio de V. Ex.ª n.º 225 de 20 do corrente, se essa auctorisação não fosse dada: enviou á Administração Geral das Alfandegas, devidamente informado, copia do referido officio de V. Ex.ª

Em vista da informação dada, S. Ex.ª o general commandante da Guarda Fiscal, não obstante estar certo de que as praças d'esta Guarda não precisam do incentivo que lhes offerece esse Club, para cumprirem as ordens em vigor sobre a repressão da caça em tempo defeso e apprehensão, ou destruição, dosapparehos prohibidos; tendo-lhes sido recommendado em circular n.º 1175 de 26 d'abril de 1897 que auxiliem, sem prejuizo do serviço fiscal, as auctoridades administrativas na manutenção das posturas municipaes dos diversos concelhos na parte respeitante ao exercicio da caça em tempo defeso; não obstante isto, digo, S. Ex.ª auctorisou que as referidas praças recebam as gratificações que, por tal serviço, lhes queira dar esse Club, mas sómente por intermedio dos respectivos commandantes de companhia.

Estes officiaes foram já auctorisados a enviar a V. Ex.ª relação das praças que effectuarem apprehensões de caça viva ou morta e de quaesquer armadilhas, para que a direcção do Club de que V. Ex.ª é digno secretario proceda á distribuição das gratificações como entender.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Quartel no Porto, 25 de junho de 1898.

Ill.º Ex.º Sr. Secretario do Club dos Caçadores do Porto.

O commandante

(a) José Maria Pereira Vianna,  
Coronel.

Em vista d'este documento, parece-me que a guarda fiscal está disposta a auxiliar-nos; Deus queira que os srs. officiaes façam bem sciente aos soldados não só da nossa resolução mas também dos regulamentos sobre caça, para que elles possam desempenhar-se bem das suas obrigações.

Porto, junho 30 de 98.

B. DE SÁ.

### Associação dos Caçadores Portuguezes

#### A caçada ás rapozas

No domingo 26 do mez findo, realiso-se a caçada annual d'esta prospera e benemerita associação.

A's 5 horas da manhã largou o *Touro* da ponte do sr. Burnay, no Caes do Sodré; galhardamente embandeirado, seguiu rio acima, conduzindo os caçadores, batedores e matilhas.

Pouco depois das 7,30 horas da manhã aproava o *Touro* á *Ponta d'Erva*. Aguardavam ali os caçadores os nossos bons amigos dr. Henrique Anachoreta e D. Luiz da Cunha Menezes.

Procedeu-se ao desembarque, vendo-se ali, entre outros, os srs. Jayme Aldim, Luiz Wasa d'Andrade, Ernesto de Salles, José Troni, Victorino Almada e filho, João C. Esteves de Carvalho, Antonio Lino, Carlos Campos, João Cecilia Koll, Joaquim Affonso dos Santos, Joaquim da Silva Pisco, Isidro Antonio Marques, Alfredo L. d'Azevedo, José Vicente d'Oliveira, Alexandre d'Oliveira, tenente Sanches de Miranda, dr. H. Anachoreta, João P. Fernandes, D. Luiz da Cunha e muitos outros cujos nomes nos não occorrem. Os batedores eram em numero de 40, quasi todos de Bemfica, Porcalhota e Calhariz.

A's 8 horas organisou-se a caçada, que correu animada, como sempre; mataram-se seis bellas rapozas; além d'estas, foram bastante feridas mais duas e viram-se mais sete.

A primeira rapoza foi morta pelo nosso amigo Wasa d'Andrade com um tiro muito largo, mas magnifico.

Ernesto Salles carrega uma outra, que depois de uma boa corrida foi morta pelas cães e ainda uma outra rapoza que deu uma larga corrida de mais de um kilometro, e que por fim se perdeu.

H. Anachoreta carregou uma que depois de largas correrias, encovou novamente.

Os cavalleiros Salles, Anachoreta, Sanches de Miranda, Troni, D. Luiz da Cunha, Koll, tiveram occasião de mostrar a sua pericia n'este genero de batidas.

Tanto o almoço como o jantar correram animadissimos devido ao fino espirito de uns e á magnifica disposição de todos; para nada faltar até houve *bluff*. . . Durante as duas refeições fizeram-se muitos brindes aos cavalleiros, á imprensa, etc., etc.

Concorreram muito para o bom exito da caçada os srs. Paiva Marques, da Companhia das Lezirias, Augusto Chamusca e José Affonso, aos quaes a direcção da Associação está muito reconhecida.

O desembarque realiso-se no local do embarque perto das 10 horas da noite.

\*

Esta associação torna-se crédora da attenção de todos que se interessam pela caça, quer sejam caçadores ou não.

Nos mezes de maio e junho a direcção premiou todos os apprehensores de caça e vae premiar o guarda fiscal n.º 186 e o guarda florestal Antonio Flor. Durante o ultimó mez enviou officios aos governadores civis de todos os districtos, ao commandante das guardas fiscaes, ás secções fiscaes de Santa Apolonia e Caldas da Rainha; ao commissario de policia de Santarem; ao presidente da camara municipal de Santarem; aos administradores dos concelhos da Lourinhã, Peniche, Cezimbra, Villa Franca, Azambuja, Cadaval, Thomar, Idanha-a-Nova, Caldas da Rainha, Silves e Faro.

A direcção registou com muito louvor o magnifico serviço do sr. governador civil d'Evora e o do commandante do 4.º batalhão da guarda fiscal em Evora.

Na sessão da direcção de 28 approvou-se a proposta de Anselmo de Sousa para que a associação adoptasse um signal, galhardete, que todos os socios de fóra de Lisboa e provincias o arvoreem, afim de que em qualquer parte que se veja esta bandeira se saiba, que está ali, um representante da associação que vigia e recebe queixas das infracções.

Como dissemos ficou assente que seja um galhardete encarnado de 1 metro de comprimento com as iniciaes A. C. P. em branco; o galhardete será fornecido pela associação mediante a paga da sua importancia.

Achamos a idéa de primeira ordem, e d'aqui a pouco ao transitarmos pelo caminho de ferro ou por outra fórma, teremos o prazer de vér o signal da associação içado pelas villas e campos que atravessamos, e será um bom aviso para os infractores.

#### O defezo

— *Santarem*.— C.— O guarda campestre n.º 5, Antonio Flor, encontrando hontem um individuo á caça, na lezira das Barrocas, e contra o qual já tinha denuncia de ha dias ser visto com

sete coelhos mortos, intimou-o a que o acompanhasse; e, fazendo esta intimação, deitou-lhe mão da espingarda, descarregando-a.

O caçador resistiu e agarrou tambem na espingarda, resultando lucta, quebrando o guarda a espingarda, a qual veiu hoje entregar á policia para esta proceder contra o caçador, o qual vae ser entregue ao poder judicial.

(D'O Seculo.)

A Associação dos Caçadores Portuguezes premiou este guarda credor de todo o elogio.

— A policia durante esta semana tem apprehendido alguma caça, prendendo alguns transgressores, sendo já tres os enviados a juizo.

(Idem.)

Esta noticia é de Setubal, e muito bom seria que a policia continuasse, pois por aquelle concelho é uma razia, e só não caça quem não quer.

— Pelo guarda campestre Antonio Flor foi ha dias encontrado a caçar, na lezira das Barrocas, o pescador João Lobo, morador no Patacão. O guarda rural, sabeldor de que o Lobo abandonava as redes, na sua qualidade de pescador no rio, para se internar no matto em busca da caça que as leis não permitem colher n'esta epocha de creação, intimou-o a *render-se*, mas o caçador recalcitrou.

Então o guarda lançou mão da espingarda que disparou, travando-se lucta, a qual terminou por ter o Flor inutilisado a espingarda de João Lobo, entregando-a depois á policia que levantou o respectivo auto. São testemunhas do caso Antonio Vicente, de Valle de Figueira, e Eloy Pereira, d'Alpompé.

(Do Correo da Estremadura.)

Sr. Redactor.

LENDO uma local no *Tiro Civil* n.º 140, com respeito á guarda fiscal nada ter feito para que seja guardado o *defezo*; posso affiançar a V. que o anno passado o chefe da guarda fiscal d'esta cidade recebeu officio sobre esse assumpto, assim como tambem posso garantir, que nenhuma iniciativa tomou; quando é certo que era justamente a guarda fiscal que podia fazer respeitar o *defezo*, sem prejuizo do seu serviço, porque, no cumprimento d'este, cruzam constantemente montados e aldeias, e, uma vez castigado um transgressor, que revolução moral não produziria para o bom cumprimento do *defezo*.

Tambem a caça tem outros grandes inimigos, como a rapoza e os cães que andam todo o tempo do *defezo*, no monte; no meu entender, um cão deve ser considerado n'esta epocha como animal damnhino, e, portanto conto a V. a medida muito acertado do que fizeram o anno passado para desinfectar os montes d'estes destruidores de caça, e que conteve em respeito, os que pouco respeitavam o *defezo*.

Fincão 2 rapozas mortas a veneno; Bouça do Frade 5; Monte da Miadella 3; Monte da Porqueira 1; Chão da Affipe 4; Marco do Outerio 5; Rego da Tolla 5; Total 35 rapozas mortas! cães mortos, grande quantidade.

Isto foi n'uma area de 8 kilometros, portanto o expediente foi o mais maravilhoso, de quem quer que o poz em pratica—para grandes males grandes remedios.

No anno passado houve bastante caça, e este, com certeza, muito mais havemos de ter, porque em todo o tempo da caça não appareceu uma rapoza.

Vianna 27 de juho de 1898.

De V.

O. B.

## VELOCIPEDIA

Sebastião Heredia

QUEM o não conhece? desde 1892 que se dedicou aos sports.

Começou pelas corridas a pé, onde se distinguio como um dos primeiros corredores de velocidade.

Em 1893, começou a sua aprendizagem na bicyclete, e já em agosto d'este anno,

entrou n'umas corridas de amadores, ganhando o primeiro premio; ficou desde logo assente o seu valor e gosto pelo sports.

Os estudos levaram-no para longe da patria, foi para Paris.

Em 1895 Heredia, veiu a Lisboa e n'umas corridas em Cascaes, chegou em 2.<sup>a</sup> de Luiz Neves; voltando a Paris, já mais trenado e estudando os segredos dos mestres, Heredia, evidencia-se alli alcançando varias medalhas nos *velodromos* Parisienses.

Em 1896, o distincto *sportsman* veiu a Lisboa, e extranhando o clima e o pizo do *velodromo*, é batido pelo celebre Campeão José Bento Pessoa; nós que o conheciamos bem, e aos seus recursos, não perdemos a esperanza de o ver um dia o nosso primeiro Campeão, e assim foi. Nas corridas do centenário, Heredia demonstrou-se por tal forma e com tal arte que a todos deslumbrou.

A elegancia mais fina alliada ao maior arrojo, a firmeza e serenidade dos seus movimentos deram-lhe o primeiro logar, Heredia foi o vencedor!

Buisson, o excellente corredor francez, cheio de glorias em França, é batido!

O nosso querido *sportsman*, não é só corredor de pé, nem distincto campeão velocipedico, é muito mais, a esgrima patenteou-lhe os seus segredos, Heredia, com o florete, não é menos distincto; que o digam os que o tem apreciado e os que com elle cruzam o ferro,

A sua elegancia n'este genero de *sport* é notavel, maneja o florete com uma tal habilidade que mais parece uma gentil dama mas, os assaltos e a energia dos botes são d'um bravo.

E' patinador, e em França, a sua agilidade e a sua já fallada elegancia, deram-lhe nome, quando alli executou os seus exercicios sobre as aguas gelladas.

O *sport* nautica não lhe é de todo desconhecido, tanto assim é, que já o vimos em Cascaes, em regatas a remos, chegar tres vezes em primeiro logar á baliza.

Não desconhece em absoluto a tauro-machia, mas muito em reserva; talvez o vejamos tambem um dia brilhar a este *sport*.

Sebastião Heredia, conta 21 annos, é baixo, bem construido, muito elegante e correctissimo; quem o vê, com o seu aspecto juvenil e delicado não vê o *sportsman* arrojado e valoroso, capaz de cometer os actos de maior audacia e bravura.

Como amigos do distincto moço, apraz-nos lembrar, que, talvez hoje, em Portugal, e... quem sabe se na Europa, se encontrará quem, como elle, reuna qualidades e recursos tão distinctos, para todos os generos de *sport*.

E. S.

### José Maria Dionysio Junior

De todo desconhecido entre nós, este novo, mas já temido corredor, é natural de Carregal do Sal, onde reside.

Antes das corridas do Centenario apenas tinha tomado parte por duas vezes em corridas em Oliveira do Hospital, onde fez a sua estreia como corredor, que foi das mais brilhantes, pois n'ellas entraram corredores de nome, taes como Manuel Ferreira, Almeida Santos, etc., tendo por isso obtido o titulo de campeão de Oliveira do Hospital, mas os seus maiores triumphos foram ganhos nas corridas do Centenario, nas quaes apesar da injustiça de o classificarem como *professional* sendo elle de justiça *amador* segundo o re-

gulamento da *União Velocipedica Hespanhola* pela qual (diziam os programmas) se regiam as mesmas corridas, obteve os dois 3.<sup>os</sup> premios nas corridas: *Grande Internacional e Nacional*, tendo n'uma série batido o campeão francez Buisson que allegou ter Dionysio cortado a linha, do que estamos certos do contrario, devido isto á muita pratica d'aquelle e á inesperienza d'este, portanto bem gravado ficou na memoria de todos quantos assistiram a estas corridas e que viram em Dionysio um corredor de largo futuro, se continuar trelando-se, aprendendo a percisa *manha* de saber correr que tanta falta lhe faz e principalmente ensaiar-se em *embalages* visto não lhe faltar força como bem o mostrou em todas as series em que entrou tomando sempre a cabeça n'um durissimo *treno* que sustentou até ao fim, e é a isto sómente que deve o ter ganho dois premios em competencia com um campeão francez e os nossos melhores corredores.

E n'estas mal traçadas linhas fica a historia de Dionysio, como corredor, que é bem curta mas sim das mais brilhantes. O pouco tempo que com elle tratamos foi mais que o sufficiente para se nos mostrar de um leal e franco caracter com o que soube captivar as sympathias de todos que com elle conviveram e que hoje com justa razão são seus amigos.

Publicando-lhe hoje o seu retrato prestamos a nossa humilde homenagem, o que de certo é contrario á sua muita modestia, pelo que lhe pedimos nos desculpe, enviando-lhe mais uma vez d'aqui, as mais sinceras felicitações, pelos seus recentes triumphos.

Lisboa julho, 98.

FERNANDO VIEGAS.

### Cyclismo Portuense

O CYCLISMO n'esta cidade continua progredindo de uma maneira assombrosa.

Não vae longe a epocha em que qualquer rapaz de 25 ou 30 annos teria receio de fazer uso do velocipede, porque se tornaria reparado e a bicyclete foi por muito tempo considerada como um brinquedo exclusivamente para uso de creanças.

Um engano!

Essa epocha foi felizmente pouco duradoura e os que n'outra epocha aos 20 annos tinham abandonado os velocipedes mal construidos pezados e perigosos, toram pouco a pouco atrahidos pela bicyclete moderna, perfeita, elegante e comoda e hoje todos a usam. Uns por comodidade, utilizam-na como meio de transporte outros por simples exercicio e muitos porque o seu medico lh'a receitou.

E as senhoras?

Que difficuldade em conseguir que uma senhora montasse bicyclete!

Tambem era reparado, difficil, anti-hygienico.

Deixára de ser um brinquedo de creanças; utilisavam-no homens já velhos, todos lhe reconheciam as vantagens e não havia uma senhora que andasse de bicyclete!

Operou-se a transformação. As difficuldades desappareceram e a velocipedia tomou tambem um incremento extraordinario no bello sexo.

A gloria d'esta conquista, cabe sem duvida ao propagandista incansavel, o presidente dedicado do Real Velo Club do Porto, o sr. Guilherme Faria.

Sua esposa foi a primeira senhora, que no Porto, fez uso da bicyclete ensinada

por elle proprio, mostrando ás senhoras que hoje são suas collegas na velocipedia, quão facil e agradável era o uso d'essa machina hoje universal.

A velocipedia apresenta-se-nos hoje com um aspecto mui diverso, muitos signaes de vida e progredirá.

Tem-se passado agradabilissimas tardes na Avenida e Passeio Alegre, onde tem sido enorme a concorrência de cyclists, vendo-se grande numero de senhoras em bicyclete.

Tem-se realiado tambem muitas excursões pelo Minho, Galliza e Douro, continuando os delegados do R. V. C. P. a prestar valiosos serviços.

A Direcção d'esta sociedade trata actualmente de conseguir que os principaes estabelecimentos de modas e alfaiate etc. façam contracto para estabelecer descontos, aos seus associados e senhoras de familia, tendo havido algumas adhesões.

E' para lamentar que tendo adherido ás tabellas do Club os melhores hotéis da provincia os socios correspondentes os não preferiam aos outros o que dá lugar a muitos desgostos.

Agora que se falla em União Velocipedica Portuguesa, seria bom que os cyclists se fossem familiarizando com os donos dos hotéis utilizando as vantagens, embora pequenas, que elles lhes offerecem.

A *União* não deve fazer-se só para dictar leis para o *sport* velocipedico, deve ser tambem para crear vantagens aos touristes, facilitar-lhes o transito e crear-lhe commodidades.

E' essa já hoje a organização do R. V. C. P. que segundo consta vae brevemente fazer approvare o seu novo regulamento de corridas por uma federação estrangeira sem contudo se ligar a ella ficando absolutamente independente.

Será á *Internacional Cyclists Union* que será apresentado o novo regulamento.

A pista do velodromo *Maria Amelia* está prompta a funcionar, devendo as proximas corridas realizar-se no proximo dia 3 de julho, realisando-se tambem um record de 10 kilometros com *entraineurs* pelo sr. Allen Kendall Junior.

Ha uma corrida de veteranos em que tomam parte os srs. Camillo d'Almeida, Arthur Rumsey e Ricardo Garcia y Gomez.

Nas outras corridas tomam parte os srs. Alfredo Mattos, N. Salgueiro, Antonio Lopes, Guilherme e Alvaro Reis, Victor França, E. Kendall, A. Kendall Junior, E. Fenerheerd, Muaze, Guimarães, Ventura Pinto, João Duarte etc.

A nova tribuna consideravelmente augmentada e melhorada é de um bello effeito.

Uma linda festa nocturna se realisou no dia 23 do corrente na avenida do Palacio de Crystal.

Um grupo de socios do R. V. C. P. apresentou as suas bicyclettas illuminadas para ensaio de um grande festival que o R. V. C. P. tenciona promover em beneficio de um estabelecimento de caridade.

A's 8 1/2 da noite principiou o desfile abrindo a marcha o tandem dos irmãos Muaze lindamente ornamentado representando um cruzador e queimando fogos de artificio.

Era de um effeito surpreendente.

Uma triplete equipo J. Mattos, A. Mattos e N. Salgueiro, representando um couraçado de combate.

Bicycletta Alberto Guimarães, um barco de pesca.

Bicycletta Amadeu Muaze, um couraçado de torres.

Bicycletta Jayme Salgueiro, um pavão.  
Bicycletta D. Hersília Muaze, um grande guarda sol chinês illuminado.  
Bicyclette Malheiro Dias, um torpedeiro.  
Bicyclettes Joaquim Cunha, Ricardo Garcia y Gomez, representando cruzadores.  
Bicyclette A. Salgueiro, um peru.  
Bicyclos J. Pereira e N. Sá, Aguias.

Todos queimaram grande profusão de fogo de artifício distinguindo-se o tandem Muaze, que não só pela belleza e rigor da ornamentação como pela variedade do fogo deixou bella impressão.

Ao terminar simularam um bombardeamento, ficando todos bem impressionados do bello effeito produzido n'este simples ensaio.

A Direcção do R. V. C. P. approvou votos de louvor a todos os que tomaram parte na festa, especializando os irmãos Muaze e o guia do Club Alfredo N. de Mattos.

Foi inaugurado na sala de leitura do R. V. C. P. o retrato do seu presidente o sr. Guilherme Augusto de Faria.

Como a festa foi de character particular assistiram apenas a Direcção e alguns socios.

Descerrou o retrato o sr. commendador Motta Ribeiro, secretario geral do club, pronunciando um bello discurso ao qual se seguiu outro do sr. capitão Guimarães, agradecendo o sr. Faria, aos seus collegas, esta prova de estima.

Até ao proximo numero.

Porto, 28-6-98.

PEDAL CHICO.

## NAUTICA

### Yachting

#### Yacht Club d'Anvers

Esahi um dos clubs nauticos de mais nomeada no estrangeiro, embora a sua fundação seja relativamente moderna, pois data apenas de 1890.

A sua carreira tem sido porém, tão brilhante, tão progressiva, que o *Yacht Club* pode orgulhar-se de ser uma agremiação poderosa, e de contar entre os seus membros a fina flôr da população d'Anvers.

A sua frota compõe-se de 127 yachts a vela, e a vapor, propriedade de socios effectivos do club. E para as excursões dos socios não proprietarios dispõe d'um bom *steamer*, confortavel e de boa marcha.

Mas o que, além d'isso, faz este club digno da consideração de todos é sem duvida a sua dedicação pelas expedições longinquas na conquista de novos thesouros para a sciencia, e de novas glorias para a sua patria.

A Expedição Antartica Belga, uma intrepida empreza, arrojada e perigosa, dava, em grande parte, a sua organização ao *Yacht Club d'Anvers*.

O *Belgica*, o barco mixto de 3 mastros, medindo 336 tons., que largou em fevereiro findo para essa perigosa expedição, pertence ao club.

O seu commandante Gerlache, e os intrepidos marinheiros que o acompanharam, tiveram por parte do *Yacht Club* uma entusiastica festa de despedida, que a população d'Anvers saudou.

Citamos isto como de estímulo aos *sportsmen* da nossa terra, se de estímulo podem servir as glorias estranhas.

Como todos os *Yacht Clubs*, cuja missão se não reduz simplesmente a commoda diversões fluviaes, tem os seus agentes em quasi todos os portos de mar. No de Lisboa é seu agente o nosso estimado assignante o sr. J. Antonio Cardoso.

O pavilhão d'este club é o tricolor belga, com monogramma ao centro. O galhardete é triangular vermelho e branco, com um losango branco a partir do meio da guinda para a ponta, e o monogramma do club.

O presidente é o Barão Gaston de Vinck, e o secretario geral o sr. A. Brunel, um verdadeiro nautófilo.

## TAUROMACHIA

### Campo Pequeno

DIA 27 — Com um pomposo cartaz em que annunciava um torneio á antiga portugueza, realisou-se n'este dia do mez passado, uma corrida com touros do sr. Paulino da Cunha e Silva, que sahiram cobardes e fracos, só merecendo a classificação de razoaveis o 6.º e o 12.º

Os cavalleiros que eram Fernando de Oliveira, Adelino Raposo, Fernando Ricardo Pereira, Joaquim Alves e Francisco Simões Serra, portaram-se regularmente, sobresahindo d'entre todos o terceiro d'estes artistas que, na lide do 5.º touro, prendeu 5 ferros largos e um curto de muito valor, pelo que ouviu bastantes applausos.

Dos bandarilheiros portuguezes, Raphael, Theodoro e Saldanha, e dos hespanhoes *Pulguita* e *Mayano* que prenderam esplendidos pares, sendo dois em duas *gaiolas* superiores.

*Bombita* agradou pelo seu bom trabalho. Na lide de bandarilhas dada ao 6.º e 11.º ouvi grandes ovações, e nos *trasteos* de muleta e simulando de estocadas, igualmente se fez applaudir.

Apenas foram pegados dois touros.

Casa regular, e muita risota com as caras do neto, dos charameleiros, e dos pagens que andavam *encravados* com tão ricas vestimentas.

Dia 30 — Com touros de Rodrigues Santos, antes Conde Sobral, realisou-se a 16.ª corrida de *abono* para apresentação do celebre *Kalifa* Raphael Guerra *Guerrita* o toureiro mais eminente do presente seculo e de todos os seculos futuros, pois que, como elle, nunca surgirá nenhum.

A concorrência não foi grande, mas ainda assim reinou alguma animação e mais deveria ter reinado se a má qualidade do curro não fizesse esmorecer os animos.

Fernando de Oliveira lidou bem o 1.º e o 6.º e Joaquim Alves o 5.º e o 10.º, no primeiro dos quaes esteve simplesmente magistral, tanto nos cites, como na medição, entrada e remate de todas as sortes, recebendo, por isso, quatro grandiosas ovações em 4 primorosos ferros que empregou; no seu segundo tambem esteve superior. Com o tempo e com a sua muita boa vontade virá a ser uma gloria da tauromachia portugueza. Um bravo ao sympathico artista.

Carlos Gonçalves teve dois optimos pares de ferros e *Patetero*, no 4.º touro, empregou tres pares admiraveis.

*Guerrita* bandarilhou primorosamente o 9.º, no qual deixou 6 pares como *Dios lo quiere* e com a moleta e estoque não esteve á altura do seu grande nome. Ain-

da assim na lide do 3.º teve dois bellos passes de peito e um elegantissimo *moli-nete*. Com o capote executou um bom *pharol* e alguns lances de *frente por detraz*, que lhe mereceram palmas. Ao fim, entrou cinco vezes, deixando trez simulacros trazeiros e ladeados, um *marronazo* e um bom em *su sitio*.

Juan Molina, Antonio Guerra e *Patetero*, diligentes na *brega*.

Os moços de forcado, executaram 6 pégas de pouco effeito.

Direcção... *con muchos piés!*

### Praça de Almada

Dia 24. — Com uma casa magnifica realisou-se no dia de S. João, uma corrida de dez touros pertencentes ao sr. Antonio José da Silva, de Salvaterra, e que sahiram maus para a lide, ainda que boas estampas e de poder.

D'esta tarde, apenas merece menção o trabalho do arrojado novilheiro *Chispa* que dia a dia vae melhorando o seu toureiro, entrando cadenciado com as bandarilhas, parando-se com o capote e cingindo-se e só se lembrando dos braços, com a muleta. Com o estoque tambem lhe notámos differenças, pois vimol-o simular um soberbo *volapié*.

O sympathico artista foi muito applaudido e com justiça.

EL SOBRESALIENTE.

## DIVERSAS

### José Marques Loureiro

NOSSO estimado collega *Fornal Horticola-Agricola*, do Porto, publica o retrato do prestante cidadão e insigne e activo horticultor portuguez, José Marques Loureiro; acompanha-o um magnifico artigo homenagem, do nosso distincto collega d'aquella revista, o sr. Duarte d'Oliveira.

A homenagem é justissima, por isso que, Marques Loureiro, pela sua muita actividade, intelligencia e serviços prestados á horticultura portugueza, tem jus ao respeito, á consideração e á saudade de quantos com elle trataram, e ainda, d'aquelles, que, como nós, não tivemos a felicidade e a honra de o conhecer pessoalmente.

Aos nossos collegas do *Fornal Horticola-Agricola*, os nossos pezames.

### Egydio d'Almeida

ESTE nosso presado amigo e collega, partiu no dia 19 do mez findo, a bordo do vapor *Finchal* para a Terceira, afim de melhorar a sua saude.

Boa e feliz viagem, e bons resultados, é o que do coração lhe desejamos.

Egydio d'Almeida, conta voltar no paquete de 20 d'este mez.

### Correspondencia

R. G. y G. — Porto. — Recebemos, e sempre que queira e possa enviar, accetamos com muito agrado.

F. J. G. P. — Cidadelhe. — O *Tiro Civil* não teve numero-programma; não sabemos se teremos prospectos da primitiva. Se houver, está servido.

F. L. de V. — Guarda. — Satisfeito o seu pedido.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica